

UMA LEITURA DA ALTERIDADE: O ENCONTRO DE ANTOINE SAINT-EXUPÉRY, GEORGE STEINER E C. S. LEWIS

A READING OF ALTERITY: THE ENCOUNTER OF ANTOINE SAINT-EXUPÉRY, GEORGE STEINER AND C. S. LEWIS

Amanda Naves **BERCHEZ**¹

Resumo: O principal objetivo deste artigo consiste em fazer uma reflexão pontual, de natureza crítico-interpretativa, acerca de como a alteridade se manifesta na obra *O pequeno príncipe*, de Antoine Saint-Exupéry, à luz de conceitos explorados pelas obras *Presenças reais: as artes do sentido*, de George Steiner, e *Um experimento na crítica literária*, de C. S. Lewis. Considerando a trajetória percorrida pelo protagonista na obra, será oportuno também examinar, principalmente pela perspectiva ético-moral, em quais circunstâncias se dão os encontros com o outro em sua forma irreduzível na obra exuperiana, bem como as dimensões implicadas e as experiências obtidas pelas personagens em cada um deles. A partir daí, também será possível fazer uma correspondência daquilo que tanto Steiner quanto Lewis, em se tratando da experiência de sentido, isto é, a experiência estética, enxergam como leitura ideal com o exercício de personagens como o príncipe na referida obra literária.

Palavras-chave: Alteridade. Experiência estética. Encontro.

Abstract: The main aim of this paper consists in making a punctual reflection, in a critical-interpretive approach, on how alterity is manifested in the work *The little prince*, by Antoine Saint-Exupéry, in the light of concepts explored by the works *Real presences*, by George Steiner, and *An experiment in criticism*, by C. S. Lewis. Considering the trajectory performed by the protagonist in this work, it will also be opportune to examine, mainly from the ethical-moral perspective, under what circumstances the encounters with the other in their irreducible form occur in the Exupéry's work, as well as the implied dimensions and the experiences obtained by the characters in each one of them. From there on, it will also be possible to make a correspondence of what both Steiner and Lewis, when it comes to the experience of meaning, in other words, the aesthetic experience, contemplate as an ideal reading with the exercise of characters like the prince in the referred literary work.

Keywords: Alterity. Aesthetic experience. Encounter.

¹ Mestranda em Teoria e História Literária pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Contato: amandaberchez@gmail.com

“Que sentes, que pensas das possibilidades da vida, das formas alternativas de ser que estão implícitas na tua experiência de mim, no nosso encontro?”

George Steiner

Introdução

O homem é o que é graças à linguagem. Por meio dela, é possível que conceba verdades ou falsidades, faça afirmações ou negações, construa o espaço ou o tempo, formule contrafatos ou condições hipotéticas, reflita sobre a esperança, o progresso ou a libertação, diferindo-se, em virtude de tal capacidade discursiva, do animal ou vegetal. Enfim, a linguagem, que, segundo George Steiner em *Presenças reais: as artes do sentido* (1993, p. 59), pode possuir e ser “possuída pela dinâmica da ficção”, permite que o homem crie, invente, seja por meio da nomeação, da adjetivação, da predicação. O crítico também sustenta que qualquer compreensão acerca dos modos de ser e de funcionar da linguagem, bem como de comunicar sentido e sentimento, está, na verdade, alicerçada na suposição da presença de uma alteridade. É justamente com vistas ao encontro, ao confronto com o outro, que, tal como afirma Steiner (1993), comunicamos em palavras, mas também que produzimos, por exemplo, formas dotadas de sentido, como é o caso da literatura.

Assim, a arte atua nos mesmos termos que a linguagem, o que significa que ambas existem porque o outro existe. Para mais, Steiner (1993) nos adverte de que, em linhas gerais, quando uma voz humana se volta para outra, um potencial de compreensão e de resposta se configura. Logo, a experiência do sentido ocasionada por uma criação artística, isto é, a experiência estética, implica a possibilidade necessária dessa presença, desse encontro, desse confronto, como já mencionamos, com a alteridade em sua condição de liberdade, condição que diz respeito à contingência do que não tem de ser e, mesmo assim, vem a ser. E não podemos deixar de ressaltar que, na medida em que há comunicação entre liberdades, ou seja, em que há um eu e um outro, uma dimensão ético-moral também se faz presente na experiência estética.

A primeira demanda para que a experiência estética se dê, diz C. S. Lewis em *Um experimento na crítica literária* (2009), é a nossa entrega ao outro, de modo a abrirmos mão de quaisquer preconceitos, associações ou interesses da subjetividade, defendendo também que uma criação artística deve ser recebida antes de ser julgada. Se, assim, for feito, a experiência estética comportará a possibilidade de transcendência, isto é, a jornada para além de nós mesmos capaz de aprimorar o modo como tratamos e nos relacionamos com a realidade. Devemos reforçar, como o faz Steiner (1993), que nenhuma interpretação, nenhum juízo estético pode ser verificado ou falsificado conforme proposições de valor que se pretendam demonstrativas ou diagnósticas da verdade, pois o horizonte semântico não é, em termos finais, englobável ou comensurável. Levando tais afirmações iniciais em consideração, propomos, agora, ceder espaço para uma apreciação interpretativo-crítica, de ordem mais imediata e intuitiva, de *O pequeno príncipe* (2009), com ênfase na leitura do encontro com o outro, apontando certos aspectos que podem se corresponder com concepções/dimensões/enfoques das já citadas obras teóricas de Steiner e Lewis.

O príncipe e o outro: os encontros segundo parâmetros conceituais de Steiner e Lewis

Ora, como já sugerimos, a obra *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, publicada pela primeira vez em 1943, parece tratar, sobretudo, do encontro de alteridades. A narrativa, em primeira pessoa, começa já mostrando como um piloto de avião, ao enfrentar uma pane no deserto do Saara, acaba conhecendo um príncipe em busca de alguém que lhe faça o desenho de um carneiro, o que nos faz lembrar de que “[...] o que vem *bater-nos à porta* – tanto no sentido [...] de alguém que nos visita espontaneamente, quer no de apelo que nos é endereçado – chegará muitas vezes inesperadamente” e de que a verdadeira entrada no íntimo não acontece por meio de um ato de vontade (STEINER, 1993, p. 162). O encontro, instaurado por uma abordagem já extraordinária², permite que o piloto vá, ao longo dos oito dias de pane, descobrindo cada vez mais acerca da singularidade misteriosa que lhe é o príncipe, em especial quando este conta sobre outros encontros que teve em outros planetas.

Em relação aos diversos encontros vistos na obra, percebemos que o que está em jogo, principalmente se repararmos na passagem do príncipe por outros planetas, é a abertura para o outro, bem como o acolhimento daquilo que o outro tem a oferecer, seja ele um acendedor de

² Tomamos “extraordinária”, aqui, com o sentido de algo que excede o comum, o convencional.

lampião, um geógrafo ou uma raposa. O gesto receptivo, por exemplo, do príncipe – tal como também é esperado, segundo nos informam Steiner (1993) e Lewis (2009), no que diz respeito à crítica literária – capacita-o a ultrapassar, a sair de si mesmo, buscando, com a diferença, satisfazer expectativas e necessidades das quais não tem domínio ou, mesmo, conhecimento, donde também se instala a dimensão ético-moral. Porém, as afirmações apresentadas, até agora, de uma forma mais embrionária poderão ser melhor compreendidas se retomarmos o percurso do príncipe, da saída do próprio planeta à chegada à Terra, de modo a destacarmos como são estabelecidos os encontros com o outro em sua forma irreduzível, assim como as dimensões implicadas e as experiências obtidas em cada um deles. A partir daí, será possível aproximarmos ainda mais o que Steiner (1993) e Lewis (2009) vislumbram como leitura ideal com o exercício de personagens como o príncipe na obra literária em questão.

Ficamos sabendo, já pelos capítulos introdutórios, que o príncipe decide deixar seu planeta, o asteroide B612, e visitar outros “[...] para ter uma atividade e se instruir” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 36), mas também por causa do desentendimento com uma rosa, por meio da qual vimos a conhecer um de seus primeiros encontros com a alteridade. Desde seu extenso desabrochamento, a rosa, cuja beleza é suficiente para deixar o príncipe fascinado já à primeira vista, apresenta características ingênuas, orgulhosas e frágeis, seja por acreditar que poderia ser atacada por um tigre, seja por pedir uma redoma de proteção contra lagartas e ventos. Mesmo com toda a diligência recebida, a rosa começa a deferir sinais de “doentia vaidade” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 29-30) que atormentam o príncipe, a ponto de fazê-lo desamparar o próprio planeta, no qual também estão três vulcões. A relação que estabelecem, além de dor e desgosto, está repleta de mistério, já que nenhum deles expressa diretamente o amor que sente pelo outro. É necessária a despedida do príncipe para que a rosa o declare; em contrapartida, é só quando está ausente que o príncipe, como confessa ao piloto, consegue entender melhor a natureza do comportamento e do sentimento que nutre pela rosa.

Pode também servir ao príncipe com relação à rosa o que Steiner (1993, p. 159) diz sobre uma boa leitura resguardar sempre uma distância da obra de arte, distância que, para ele, compreende “[...] o penhor da experiência da alteridade – a liberdade de ser ou não ser, de entrar ou não entrar em comércio espiritual conosco [...]”. Quando se trata de um outro, quer seja um desconhecido, quer seja uma obra de arte, Steiner (1993, p. 159) acredita que “[...] a nossa compreensão, [...] sobretudo quando se aprofunda em intimidade, continua a ser parcial,

fragmentária, exposta ao erro e passível de reformulação”. Contudo, sem a aposta na recepção, sem a aposta no sentido, nenhuma porta se abrirá quando bater a liberdade. É da experiência estética feita de uma obra de arte que Steiner fala ao fazer tal afirmação, mas, talvez, ela possa também nos ajudar a entender a experiência do príncipe com a alteridade quando ele decide sair de seu planeta com o objetivo de visitar e conhecer outros.

O primeiro deles é habitado por um rei de características ostensivamente jactanciosas, o que é perceptível já pelo manto de arminho trajado, cuja extensão impede que o príncipe se sente, forçando-o, mesmo cansado, a ficar de pé. O referido rei, como percebemos, não se julga apenas como absoluto, mas também como universal, na medida em que acredita exercer poder sobre tudo: outros seres, outras estrelas, outros planetas, em suma, outros. Ou seja, a autoridade que o rei presume ter e exige ser rigorosamente respeitada depende justamente da alteridade, motivo pelo qual enxerga no encontro com o príncipe – que é considerado, tal como o são quaisquer outros com os quais chega a se deparar, como um súdito – uma oportunidade para exercê-la. A única reserva que, por não tolerar desobediência, faz é a de dar ordens razoáveis em condições favoráveis, exigindo do outro apenas o que ele é capaz de dar, afinal, “a autoridade se baseia na razão” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 38). Orgulhoso de ter um súdito, o rei, visando à permanência do príncipe em seu planeta, oferece-lhe o cargo de ministro da justiça, cujo exercício adquire diferentes proporções conforme o exame em relação a um eu ou em relação a um outro: “– Tu julgarás a ti mesmo [...]. É o mais difícil. É bem mais difícil julgar a si mesmo que julgar os outros.” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 39). Contudo, o príncipe, por se tratar, como já constatamos, de uma alteridade de peso irreduzível, abandona o planeta do rei.

O segundo é habitado por um vaidoso. Trata-se de uma personagem que, pelo feitio também jactancioso, procede quase nos mesmos moldes que o rei. Porém, o vaidoso enxerga no outro, ao invés de um súdito, um admirador, de tal modo que a relação que estabelece com o príncipe se oriente pela admiração que espera receber. A condição do vaidoso, no entanto, é levada às últimas consequências, uma vez que só consegue interagir com o outro à medida que dele obtém elogios, entre eles o de ser “o homem mais belo, mais bem-vestido, mais rico e mais inteligente de todo o planeta” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 42) – ainda que tenha ciência de que é dele o único habitante. Assim, podemos perceber que até os propósitos finais de enaltecimento do eu, tanto no que diz respeito ao rei quanto ao vaidoso, necessitam da atuação do outro para se

consumar. Acontece que o jogo de exaltação do próprio eu acaba se tornando monótono para o príncipe, motivo suficiente para também fazê-lo deixar rapidamente o planeta do vaidoso.

O terceiro é habitado por um bêbado, que se encontra entre coleções de garrafas vazias e cheias. Depois de uma breve interpelação, o príncipe descobre que o bêbado, por motivos de caráter escapista, está como que atado a uma causalidade viciosa, já que bebe para esquecer que tem vergonha de beber, isto é, quer esquecer a causa com os efeitos que ela proporciona. A experiência que o príncipe tem do encontro com o bêbado lhe suscita, mais que a estranheza já experimentada com o rei e com o vaidoso, um estado de espírito de melancolia, tristeza e pena, ao passo que a presença do príncipe parece prescindível ao bêbado. Vale lembrarmos, com base em Steiner (1993), de que o encontro com a liberdade da presença do outro, a tentativa de comunicação com tal liberdade são ações que implicam, além de um voto primordial de confiança, a assunção de vários riscos, entre eles os de confusão, embaraço, frustração, pois é também possível que o outro se mostre por um ângulo adverso. Ao que nos parece, são estas sensações que ficam do bêbado para o príncipe, sendo que este, perplexo e sem conseguir ajudá-lo, parte ao próximo planeta.

O quarto é habitado por um empresário. De modo semelhante ao que acontece com o bêbado, a chegada do príncipe parece, à primeira vista, dispensável ao homem de negócios, que sequer levanta a cabeça para vê-lo. Porém, a indiferença inicial logo é substituída pelo incômodo que parecem sentir um com a presença do outro: se o príncipe incomoda pelas perguntas que faz, o empresário também o faz pelas respostas que dá. Acontece que o empresário se encontra ocupado demais contando milhões de estrelas que supõe possuir e que fazem dele um homem rico, rico para poder comprar e contar mais estrelas, o que o coloca, segundo o próprio príncipe, numa condição equivalente à do bêbado. A administração de estrelas, contudo, é um ofício encarado com extrema austeridade pelo empresário, até porque acredita ser “uma pessoa séria”, gostar de “exatidão” e não ter “tempo para divagações” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 45). Aproveitando a mesma questão no âmbito da crítica literária, Lewis tem a dizer que nem sempre seriedade é traduzível em solenidade, mas sempre o é em engajamento. Conforme o crítico, devemos ler “dentro do mesmo espírito que o autor escreveu”, levar de modo leve o que foi concebido como leve, de modo sério o que o foi como sério, nunca mastigando chantilly como carne de caça (2009, p. 16). Nas devidas proporções, parece-nos que o empresário toma suas estrelas como o chantilly da analogia lewisiana, só conseguindo vislumbrá-las em termos

quantitativos, jamais qualitativos. Além disso, o empresário não é útil às “suas” milhões de estrelas da maneira que o príncipe – como ele mesmo afirma (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 47) – é à sua única rosa e aos seus três vulcões. Nesse sentido, o encontro com o outro também serve para reforçar o valor que os estritos pertences têm para o príncipe, que, ainda insatisfeito, abandona, igualmente, o planeta do empresário.

O quinto é habitado pelo acendedor de lampião, cujas atividades, comparadas às dos outros, são as que, mesmo no menor de todos planetas, mais fazem sentido para o pequeno príncipe. Elas consistem em acender e apagar o lampião e se assemelham, respectivamente, ao nascer e ao adormecer de uma estrela ou de uma flor, motivo pelo qual, segundo o príncipe, são belas e, por consequência, úteis atividades. Podemos deduzir, do mesmo raciocínio, que a utilidade repousa também na beleza. Ao descobrir que tal planeta gira a cada ano mais rápido, de tal modo que não mais sobram intervalos para o repouso do acendedor de lampião, o príncipe se comove e pensa em possíveis soluções. Assim, parece que também se configura uma dimensão ético-afetiva, na medida em que o príncipe deseja, para mais que ajudar, tomar o outro como amigo, só não o fazendo, apesar de amá-lo, porque o planeta é pequeno demais para dois. Além disso, chama a atenção do príncipe o fato de que o acendedor de lampião, até então, é o único que se dedica a algo que está para além de si próprio. Daí, segue que quem não clama por admiração, ao contrário do que fazem o rei e o vaidoso, é, espontânea e verdadeiramente, quem a recebe. Aqui, a reflexão de Steiner (1993) sobre o apelo da obra de arte ser radicalmente desinteressado pode até ser aproveitada no que diz respeito à interpelação do acendedor de lampião por parte do príncipe. A cortesia³, o compromisso do acendedor de lampião com o regulamento, a atenção do príncipe à maior ocorrência de poentes – que lhe são tão caros – em tal planeta nos ajudam a entender o porquê de, neste caso, tanto a ocupação quanto o encontro com o outro fazerem mais sentido para o pequeno príncipe.

O sexto planeta é habitado por um geógrafo, que já enxerga o príncipe como explorador. Conhecer a localização dos mares, montanhas e desertos é o que, quando indagado, diz ter como profissão. Por considerá-la, à primeira vista, como promissora, o príncipe trata de fazer outras perguntas concernentes à geografia do planeta em questão, porém descobre que, ao geógrafo, cuja visão se revela bastante limitada, cabe, em primeiro lugar, interrogar possíveis exploradores

³ Para Steiner, a cortesia (ou o tato do coração) é o que organiza os encontros com o outro, como o ser amado (1993, p. 136).

de modo a selecionar os livres de certa torpeza moral e, depois, registrar a experiência que eles tiveram em termos geográficos. Contudo, já estamos orientados por Lewis (2009) de que a condição moral não é determinante em se tratando de uma boa experiência de leitura. A própria experiência do geógrafo, em relação à do explorador, é de ordem secundária, do mesmo modo, por exemplo, que Steiner (1993) afirma ser a resposta crítico-hermenêutica em relação à obra de arte. Bem, a explicação que o geógrafo dá para tanto é a de que os geógrafos são importantes demais para que abandonem suas escrivatinhas e saiam por aí para contar montanhas, oceanos, desertos em exploração, o que deixa transparecer que é tão jactancioso quanto o rei ou o vaidoso, mas também tão interessado em aspectos qualitativos quanto o empresário. Isso porque o geógrafo declina o que o príncipe, na condição de possível explorador, tem a relatar sobre o próprio planeta, já que o que é efêmero, como a rosa, não lhe interessa. Apesar de ser um ótimo exemplo de como o outro, tal como já vimos com Steiner (1993), pode se transformar em confusão e frustração, o encontro com o geógrafo serve para que o príncipe perceba, ainda que com um pouco de remorso, o caráter de momentaneidade de sua única e frágil rosa, em virtude do que, ao contrário do geógrafo, passa a lhe conferir ainda mais valor.

O príncipe, então, se dirige ao último planeta da jornada: a Terra. Ao chegar, alguns encontros mais breves acontecem, entre eles o com a flor solitária, o com as rosas do jardim, o com o guarda-chaves e o com o vendedor de pílulas, nos quais podemos notar quebras de expectativa por parte do príncipe, tanto em relação à originalidade da própria rosa, por exemplo, quanto às particularidades e ações dos homens. No entanto, os encontros terrestres que mais nos interessam são os que se dão com a serpente e a raposa. No encontro com a serpente, o elemento que mais se destaca é o mistério, sobretudo pelo modo enigmático como ela se expressa, fazendo-nos lembrar do enigma inviolado da alteridade das presenças vivas de que fala Steiner, bem como da afirmação de que “[...] o porquê do outro e das nossas relações com essa alteridade, sejam elas [...] de participação íntima ou de diferenças irreconciliáveis, é um mistério ao mesmo tempo difícil e reconfortante.” (1993, p. 127). Já no encontro com a raposa, o príncipe, por meio das constantes perguntas⁴, descobre que, para conhecer e cultivar amigos, é necessário cativar, ato

⁴ “[...] repetiu o príncipezinho, que nunca na vida desistira de uma pergunta uma vez que a tivesse feito.” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 43). As perguntas do príncipe parecem ter o mesmo caráter de indiscrição das artes discutido por Steiner, já que ambos – isto é, o príncipe e as artes – interrogam “[...] as zonas extremas da intimidade da nossa experiência” (1993, p. 131). Para o crítico, contudo, há um apelo, uma proposta de mudança contida na interrogação feita pelo outro. Em compensação, o príncipe quase não responde às perguntas do outro, como bem mostra o seguinte excerto narrado pelo piloto: “Eu bem sabia que não adiantava interrogá-lo.” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p.

que consiste em criar laços e implica singularidade, necessidade e responsabilidade ante o outro: “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas. Tu és responsável pela tua rosa...” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 72). Para Steiner, responsabilidade também diz respeito à noção de resposta, isto é, de aceitar a obrigação, tal como enxergamos na raposa em relação ao príncipe, de responder ao e pelo outro, devido ao que a ação se torna, também, de ordem ético-moral. Aliás, o fato de, com o advento do príncipe, os campos de trigo e as estrelas ganharem novos significados para a raposa e para o piloto aponta mudanças em suas percepções intelecto-sensoriais de mundo, confirmando que “[...] a *alteridade* que entra dentro de nós torna-nos outros” (STEINER, 1993, p. 170). A experiência do encontro com a alteridade faz com que o príncipe, a raposa, o piloto e quaisquer puros receptores de uma criação artística sofram alterações de compreensão e de sensibilidade de vários graus e intensidades, ao exemplo dos processos de complexidade, obscurecimento e enriquecimento por que passam as personagens quando na presença e recepção do outro em tal obra literária.

Considerações finais

Bem, após examinarmos os encontros com a alteridade na obra *O pequeno príncipe* de Exupéry conforme os critérios estéticos de leitura elaborados por Steiner (1993) e Lewis (2009), algo que podemos constatar é que o protagonista se coloca, ao longo da jornada pelos mais diversos planetas, na condição do estranho que visa a se tornar hóspede, isto é, do desconhecido que visa a ser recebido em encontro, e daí também se justifica o fato de as disciplinas da cortesia, da qual tratamos com maior propriedade há pouco, se tornarem relevantes. Isso porque, assim como Steiner (1993) afirma acontecer com uma obra artística, depreendemos que aquilo que a personagem do príncipe, por exemplo, pode comunicar depende, em grande escala, da capacidade de receptividade ou recusa, de resposta ou indiferença do outro que está em sua presença. Não é à toa que os encontros mais sensíveis, mais significativos são aqueles em que o príncipe é, de fato, recebido, como pela raposa ou pelo piloto, em que se efetiva a possibilidade de apreensão daquilo que a alteridade tem a oferecer, o que comprova que a experiência com o outro, “[...] embora não seja [...] essencialmente afetiva, moral ou intelectual, tem algo em comum com os três aspectos” (LEWIS, 2009, p. 119). Assim, torna-se evidente, para nós, que é justamente por se tratar do encontro entre liberdades – quer dizer, o encontro entre o livre de vir

75). Isso nos faz lembrar de que, “[...] por profundas que sejam a confiança e a revelação, haverá coisas acerca do nosso viajante que nunca saberemos.” (STEINER, 1993, p. 149).

ao mundo e o livre de o receber – que se dão tanto a experiência estética quanto a experiência da alteridade feita em tal obra (em especial, no que diz respeito às relações entre o príncipe e personagens como a raposa e o piloto⁵), fazendo sentido por as partes envolvidas se configurarem, com efeito, como sujeitos, jamais como objetos⁶. É a expressão, portanto, dos mesmos ideais de encontro imediato, de compromisso e de responsabilidade ante o outro que torna possível que enxerguemos aproximações entre *O pequeno príncipe* de Antoine Saint-Exupéry e o que os críticos George Steiner, em *Presenças reais: as artes do sentido*, e C. S. Lewis, em *Um experimento na crítica literária*, consideram como imprescindível para a experiência de sentido de uma obra. Afinal, lembremos, somente o outro é capaz de nos colocar em contato com aquilo que, na prática, não é nosso.

Referências bibliográficas

LEWIS, Clive Staples. *Um experimento na crítica literária*. Tradução de João Luís Ceccantini. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O pequeno príncipe*. Tradução de Dom Marcos Barbosa. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

STEINER, George. *Presenças reais: as artes do sentido*. Tradução e posfácio de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Presença, 1993.

⁵ Talvez por isso só o príncipe consiga realmente entender o desenho do piloto.

⁶ Podemos até mencionar o rei ou o vaidoso, que queriam fazer do príncipe um dos súditos ou admiradores que acreditavam ter.

STEINER, George. *Gramáticas da criação*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, 2002.

Recebido em: 21/08/2018

Aprovado em: 23/09/2018